

# ***O nosso olhar sobre o olhar docente: reflexões e desafios acerca dos múltiplos olhares***

**Caroline da Silva Ança**

carolineanca@yahoo.com.br

Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS

**Susana Inês Molon**

Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS

**Dayse Melo da Silva**

Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS

**Juliane de Oliveira Alves**

Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS

---

## **Resumo**

Este artigo objetiva apresentar uma análise feita em uma das oficinas realizadas pelo projeto de extensão "*Oficinas estéticas: atividade criadora e prática pedagógica*", bem como discutir acerca dos múltiplos olhares. A oficina "Múltiplos olhares: o meu olhar e o olhar do outro" permitiu a discussão dos olhares e dos lugares do olhar por meio do discurso de três professoras sobre o conto "Cem anos de perdão" de Clarice Lispector. Para a análise de dados foi empregado a perspectiva microgenética e para fundamentar este estudo foi utilizado a abordagem sócio-histórica de Vygotsky. Buscou-se na análise minuciosa das percepções, representações e falas das professoras que participaram da oficina discutir três olhares de professoras que compõe o cenário das práticas pedagógicas da rede municipal do Rio Grande. O texto está organizado em três etapas: no primeiro momento, efetiva-se a descrição da atividade realizada para situar o estudo; no segundo, refere-se a algumas considerações sobre o olhar, e no terceiro, analisa-se e discute-se sobre os olhares das professoras participantes do curso à luz das contribuições teóricas da abordagem sócio-histórica. Ao finalizar o texto, convida-se o leitor a aprender a olhar esta intrincada trama de relações que compõe o cenário das práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Formação continuada//Múltiplos olhares//oficinas estéticas

## **Abrindo os olhos...**

*É promissor constatar que um número*

*progressivo de indivíduos, das mais diversas*

*origens, culturas e ocupações, estão abrindo os olhos...*

*(Crema in Torales, 2003, p.97)*

Oferecer e proporcionar um espaço de reflexão e de criação para os professores dos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal do Rio Grande onde acontecesse a discussão e (res)significação sobre a sua profissão e sua prática por meio de vivências estéticas e atividades criadoras foram os objetivos que nortearam a proposta do curso de extensão "*Oficinas estética: atividade criadora e prática pedagógica*"<sup>1</sup>

Essas, por sua vez, possibilitaram aos professores reflexões sobre sua profissão por meio da retomada de diferentes momentos da infância, da adolescência, da formação escolar/acadêmica. Entende-se que essas experiências e essas vivências contribuíram e influenciaram na sua constituição enquanto sujeito/professor. Esse curso de extensão, na modalidade de formação continuada para professores, ocorreu em oito encontros, nos quais foram abordados diferentes assuntos, entre eles: criatividade, imaginação, formação e prática pedagógica, o lúdico, os sentidos, o olhar, e sexualidade e gênero. Esses encontros foram realizados com vinte professoras, no Centro de Formação e Orientação de Professores (CFOP) da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, com duração de três horas cada.

Todos os encontros foram filmados, fato que permitiu aos pesquisadores envolvidos, um exercício do olhar e do perceber, pois através das fitas foi possível recortar alguns dos acontecimentos interativos entre as professoras e relacionar estes episódios com a realidade social e cultural dos sujeitos envolvidos. Esse procedimento vincula-se a análise microgenética, pois ambas permitem "buscar relacionar os eventos singulares com outros planos da cultura, das práticas sociais, dos discursos circundantes, das esferas institucionais" (Góes, 2000).

O procedimento escolhido para a análise de dados foi a análise microgenética, que, de acordo com Góes (2000, p.15), *micro*, etimologicamente, refere-se a uma análise orientada para particularidade, para detalhes enquanto *genética*, significa o sentido histórico.

A partir dessa perspectiva teórica e metodológica, observa-se o recorte do diálogo travado entre três professoras na oficina "Múltiplos olhares: o meu olhar e o olhar o outro" que possibilitou a análise microgenética do episódio, privilegiando a dimensão dialógica destas três docentes e das demais professoras envolvidas.

## **Olhando e aprendendo a olhar<sup>2</sup>**

*"Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara".*

*(Saramago in Torales, 2003, p.89)*

Antes de iniciar a reflexão das falas das professoras é pertinente pensar sobre a questão do olhar. Para tanto, parte-se de quatro diferentes olhares. O olhar de criança, do livro "Pequeno Príncipe"; o olhar que transcende a dimensão fisiológica, do filme "Janela da Alma"; o olhar que é banalizado, proporcionado pela mídia televisiva e por último, o olhar estético, que permite uma vivência sensível e crítica.

---

<sup>1</sup> Este projeto trata-se de uma proposta de formação continuada para professores dos anos iniciais da rede municipal de ensino do Rio Grande que faz parte de um projeto de pesquisa maior que vem sendo desenvolvido nas cidades do Rio Grande, de Florianópolis e de Itajaí, nas Universidades: FURG, UFSC e UNIVALI.

<sup>2</sup> Subtítulo retirado da dissertação de Mestrado "Olhar sobre o olhar que olha" de Rosaura Andrade Torales, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da FURG, em 2003.

O livro "O Pequeno Príncipe" de Antoine de Saint-Exupéry, traz a mensagem da infância, uma mensagem de criança para nós adultos. Ao lê-lo é possível ser levado pelo riso, pela emoção e ao mesmo tempo, a muitas reflexões. Compreendê-lo é buscar um olhar infantil que não o brutalizado pela razão.

Para pensar sobre o olhar infantil e o olhar adulto e o que os diferencia, torna-se necessário levantar alguns questionamentos: Em algum dia vimos no desenho infantil cobras digerindo elefantes? E por que hoje já não o vemos mais? O que aconteceu com o nosso olhar imaginativo, que com o passar dos tempos foi transformado no olhar objetivo, no olhar preso como se fossem engrenagens de relógio? O que aconteceu com os adultos para substituírem os desenhos de criança pela vida do rei, do vaidoso, do bêbado, do homem de negócios, do acendedor de lampiões, e do geógrafo, habitantes dos asteróides visitados pelo Pequeno Príncipe?

São questões que não são fáceis de responder, mas são válidas para começar o questionamento sobre o lugar do olhar e como aproximá-lo do olhar infantil, sensível, inquieto e imaginativo num mundo que é preciso lidar com muitos destes habitantes encontrados pelo Pequeno Príncipe.

Outros olhares se abrem a partir do filme "Janela da Alma", de João Jardim e Walter Carvalho, pois através dele depara-se com diversos depoimentos de pessoas com limitações do sentido da visão. João Jardim foi mobilizado pela própria experiência (de visão míope) para produzir este documentário e mostra por meio de testemunhos que a visão humana não se limita a parte fisiológica do olho, mas que é possível ver através dos olhos da mente (Oliver Sacks), da visão interior (Hermeto Pascoal) e do terceiro olho (Eugen Bacar).

Os 19 relatos sobre o olhar conduzem os expectadores por caminhos que as revelações, os testemunhos e as reflexões provocam rupturas e desconstruções sobre os modos de olhar e ver o mundo. Win Wenders, por exemplo, revelou que, para ver, ele precisa do enquadramento proporcionado pela armação dos óculos, pois necessita formatar e enquadrar as imagens. E ainda explica: "A maioria das imagens que vemos estão fora de contexto. (...) Ter tudo em demasia significa não ter nada. Temos tanta imagem que não prestamos atenção em nada."<sup>3</sup>

Outra revelação intrigante é a do fotógrafo cego, Eugen Bacar que diz na sua entrevista: "(...) as pessoas não sabem mais ver (...) vive-se uma cegueira generalizada. Não vejo imagens, faço imagens. Fotografo a mortalidade das mulheres. Não se deve usar a língua dos outros, o olhar dos outros, senão existimos através dos outros. Enxergo com um terceiro olho."

O documentário possibilita ainda algumas reflexões sobre o olhar do escritor Português, José Saramago. Ele nos ensina que para se conhecer realmente algo, faz-se necessário ver por todos os ângulos. "Nunca me esqueci da visão que tive da coroa do Camarote Real, no Teatro em Lisboa. De longe, uma maravilha. Quando olhei por debaixo, repleta de sujeira, teias de aranha (...) e logo aprendi: Para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta."

Saramago, de certa forma, desconcerta o expectador quando fala que "hoje estamos vivendo de fato na Caverna de Platão. Pessoas olhando em frente, vendo sombras, e acreditando que estão vendo a realidade". Dessa maneira, demonstra que é imprescindível discutir sobre o olhar banalizado e em excesso. Por isso, urge debater sobre o olhar acostumado: "(...) o nosso olhar acostumou-se à intensa e rápida variação de imagens da televisão, à poluição visual de *outdoors*, propagandas, panfletos, revistas, cartazes... E justamente por estar acostumados e talvez não distinguirmos o quanto nossa percepção visual esta associada à nossa percepção emocional, continuamos a construir nossa identidade e nosso cotidiano e sonhos a partir desses referenciais, que além de imporem padrões de vida (status econômico e social), também nos impõem padrões de ritmo de vida e de valorização da mesma." (Moura, 2004, p.31)

---

<sup>3</sup> Os trechos das entrevistas foram retirados do filme "Janela da alma".

O olhar acostumado está atrelado ao olhar banalizado principalmente pela mídia televisiva, que torna trivial as chacinas, o terrorismo, as guerras entre traficantes e polícia, os assaltos à mão armada, os desmatamentos e derramamentos de óleo, etc... Assim, pode-se prosseguir com uma lista infundável de desgraças que permeiam o dia-a-dia e que são noticiados com a maior trivialidade pelas emissoras de televisão que ajudam a modelar o olhar e a banalizá-lo para fatos tão alarmantes, enquanto priva o olhar de ver outros fatos e situações extremamente importantes para a (re)invenção do modo de olhar.

Destacamos, também, a importância de discorrer sobre o que se torna indiferente ao olhar. Apontar alguns momentos do cotidiano em que se torna o olhar insensível, pode-se realizar uma tarefa exaustiva dependendo do olhar que se observa. Por vezes baixa-se a cabeça para não se enxergar os idosos nas filas dos hospitais, igualmente quando se depara com as crianças nos sinais de trânsito. E quantas vezes se passam e não se reage ao ver situações de desprezo e maltrato ao próximo e de quantas inúmeras vezes se finge não ver o porteiro do prédio da Universidade, e todos aqueles que exercem funções subalternas na sociedade classista?

Da mesma maneira pode acontecer nas escolas, os lugares que insistem em fugir do olhar acostumado. Durante o curso, presencia-se um momento em que uma professora não reconheceu a sua sala de aula e a si mesma nas fotografias feitas pelo grupo de pesquisa. Outros momentos ficaram marcados pela contradição entre o ver e o não visto, o dito e o feito.

Em vista de tudo que vêm sendo discutido sobre o olhar, enfatiza-se a importância de um olhar mais sensível, um olhar que seja permeado pelos outros órgãos dos sentidos, que aceite o olhar nos olhos, que seja "mais" humanizado, ou ainda, que seja um olhar através do qual se possa, de vez em quando, permitir-se olhar e sentir com o coração, com a afetividade.

Isso é possível pelo olhar estético, ou seja, um olhar que procura a originalidade e a inquietação do "primeiro encontro", que busca admirar as coisas, os lugares, as pessoas como se fosse pela primeira vez, que é capaz de ver aquilo que as pessoas não percebem mais (Peixoto, 1999). E é este olhar de estranhamento, de novidade que se encontra no Pequeno Príncipe, que busca ver por todos os ângulos, assim como no filme que quer despertar outras sensibilidades sobre o olhar. E não somente aquele que procura entender o imediato, como o olhar televisivo, mas que busca a história a cultura que está por trás de cada elemento admirado. Assim, as características da percepção estética, segundo as autoras, "[...] é, portanto, uma das formas de o sujeito reconhecer e ampliar suas possibilidades, seu poder reflexivo e criativo, pois permite que se retire a marca da familiaridade da realidade, que não se tome a máscara que lhe dá um sentido único, mas que essa possa ser vista como polissêmica e multifacetada." (Reis et al., 2003, p. 54).

## **Múltiplos olhares: o meu olhar e o olhar do outro**

*"O meu olhar é nítido como um girassol*

*Tenho o costume de andar pelas estradas*

*Olhando para a direita e para a esquerda,*

*E de vez em quando para trás...*

*E o que vejo a cada momento*

*É aquilo que nunca antes eu tinha visto.*

*E eu sei dar por isso muito bem...*

*Sei ter o pasmo essencial*

*O que tem uma criança ao nascer,*

*Reparasse que nascera diversas.*

*Sinto-me nascido a cada momento*

*Para a eterna novidade do mundo.”*

*(COEIRO in PESSOA, 1965)*

Neste momento, procura-se descrever e analisar o que aconteceu na oficina dos múltiplos olhares, que possuía o objetivo de trabalhar os olhares e os lugares do olhar, possibilitando a multiplicidade das formas de ver a realidade polissêmica e multifacetada dos professores envolvidos na pesquisa.

Nesse dia as atividades iniciaram com a leitura da primeira parte do conto “Cem anos de Perdão” da Clarice Lispector<sup>4</sup>. Logo após a leitura, as professoras foram divididas em quatro grupos, e para estes foram disponibilizados diferentes materiais<sup>5</sup>, a saber: lençóis, óculos, flores, caixas diversas, roupas, bonés. Os grupos precisariam então, representar ou dramatizar um desfecho para o conto a partir do que já havia sido lido.

O conto fala da experiência de uma mulher que quando criança gostava de admirar os palacetes dos ricos que ficavam no centro de grandes jardins no Recife. Ela (a protagonista) e uma amiguinha disputavam nas brincadeiras, os grandes casarões. Mas o que saltava aos seus olhos eram as flores, em especial as rosas, que ficavam nestes imensos jardins. Seguindo a leitura do conto, a autora descreve sobre o fascínio da menina por rosas e depois por pitangas.

No texto, a menina desejava muito possuir as rosas para poder sentir sua textura e seu perfume “Eu queria poder pegar nela. Queria cheirá-la até sentir a vista escura de tanta tonteira de perfume”, se fosse atendida ela pediria a flor para o jardineiro, mas como não havia jardineiros por ali, ela mesma tratou de apanhá-la. E assim continuou, “Foi tão bom que simplesmente passei a roubar rosas. O processo era sempre o mesmo: a menina vigiando, eu entrando, eu quebrando o talo e fugindo com a rosa na mão. Sempre com o coração batendo e sempre com aquela glória que ninguém me tirava.”

Por fim, a narradora (menina) termina o conto dizendo: “Não me arrependo: ladrão de rosas e pitangas tem 100 anos de perdão. As pitangas, por exemplo, são elas mesmas que pedem para ser colhidas, em vez de amadurecer e morrer no galho, virgens.”

A leitura foi interrompida para o grupo, após a personagem descrever como começou a sua admiração por rosas: “Começou assim. Numa das brincadeiras de ‘essa casa é minha’, paramos diante de uma que parecia um pequeno castelo. No fundo, via-se um imenso pomar. E, à frente, em canteiros bem ajardinados, estavam as flores. Bem, mas isolada no seu canteiro, estava uma rosa apenas entreaberta cor-de-rosa vivo. Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda não era. E então aconteceu: do fundo do meu coração, eu queria aquela rosa para mim. Eu queria, ah como eu queria. E não havia jeito de obtê-la.”

---

<sup>4</sup> Nosso especial agradecimento ao Professor Mestre Luís Fernando Marozo que contribuiu com o nosso estudo, elucidando todas as dúvidas sobre Clarice Lispector e seu conto.

<sup>5</sup> Todos os grupos receberam os mesmos objetos.

A seguir, as professoras se reuniram para discutirem um desfecho para aquele conto e cada grupo dramatizou, com os materiais disponibilizados, um fim diferente do outro. Um grupo colocou em cena um enorme cachorro que corre atrás de um menino ladrão, mas que é surpreendido pela dona da casa que lhe presenteia com a rosa (A); outro, ao roubar a rosa dribla o cachorro furioso para presentear a mãe com a rosa apanhada(B); a outra equipe resolve forjar um acidente para conseguir apanhar a rosa e depois se lembra que aquela recordação fora de sua primeira mentira (C) e o último grupo encena um final com uma lição dada por uma menininha "nem tudo que se quer se pode ter"(D).

Logo depois das apresentações, foi lido para o grande grupo o final original do conto, e em seguida foi feita uma intervenção da coordenadora que pergunta as professoras *sobre como elas entendem aquela atividade e como percebem o conto e os diferentes olhares que permearam os finais dramatizados*.

Pouco a pouco se inicia a discussão e os diferentes pontos de vista começam a surgir. Todas as professoras contribuíram para a riqueza do debate. Surgiram vários olhares, várias reflexões. No entanto, três professoras nortearam o alvo do nosso olhar.

Violeta<sup>6</sup> foi a primeira a se posicionar:

(momento 1) O conto original tem alguma coisa em comum daquilo que nós representamos e tentamos contar. (...) eu às vezes chegava em casa da escola com uma flor pra minha mãe. Não podia ver uma flor, que a primeira coisa que lembrava era a mãe e já arrancava pra levar pra ela. Depois passou, era fase. (...) Criança roubando uma rosa, só tem inocência nisso! Eu só consigo ver o lado do sentimento. Eu achei interessante que demonstrou muita doçura da criança, o ato que ela faz não tem maldade, não tem nada. (Violeta)

Logo depois dos comentários de Violeta e de seu grupo, foi a vez de Jasmim que se posicionou contrária as idéias da professora anterior.

(momento 2) Então assim, (...) não tem nada de inocente na pessoa do conto. Eu não vi. Eu acho que o primeiro ato criminoso dela foi roubar a rosa, e viu que era fácil, e aí ela tem aquela lembrança do primeiro ato criminoso dela. Porque não diz que ela queria dar pra mãe, dar pra ninguém. Ela queria simplesmente saciar um desejo dela, de ter aquela rosa, de poder roubar, de ter aquela emoção de roubar. Depois foi pra pitanga, depois tem coisas que ela não disse, só contou das primeiras lembranças. Então eu não vi nada de romântico, nada de inocente. Foi só pra satisfazer o desejo dela. Egoísta. Aí depois ela falou da emoção do furto, aquilo foi adrenalina. Quem rouba, quem cola, usa droga, foi adrenalina, não pareceu nada de inocente na pessoa que rouba. (Jasmim)

Gradualmente outras professoras iam comentando e debatendo sobre aquilo que estava sendo dito. Depois de algum tempo, Margarida resolve expor o que estava pensando.

(momento 3) Assim, quando ela começou a ler o texto eu já acho a palavra roubou um pouco traumatizante. Eu acho horrível, e eu não sei se é por que eu já passei por roubos em casa e na escola. Também as crianças falam "roubou meu lápis", de sumir tanta coisa. Até nós mesmo, o armário foi arrombado, roubaram livros da Orquídea (professora). Então eu fiquei muito traumatizada com essa palavra roubou. Então quando começou a ler e falou "roubou", eu não pensei nem nas rosas, eu já pensei que tu tá pegando alguma coisa que nem é seu. Eu sempre falo isso para as crianças. Todos os dias, ou quase, "o que vocês acharem aqui dentro da escola não é de vocês. Tem mil alunos, deve ser de algum dos mil. Tem que devolver!" Então, aí eu já esqueci as rosas. (Margarida)

Durante um longo tempo discutiu-se problematizando as questões do conto, que giraram, principalmente, em torno da palavra "roubo". Assim sendo, o objetivo dessa atividade foi alcançado, pois este esperava que as professoras exercitassem os diferentes olhares sobre um elemento artístico (o conto). Mas, refletindo

---

<sup>6</sup> Os nomes utilizados para identificar as professoras são fictícios.

sobre o que foi exposto faz-se os seguintes questionamentos: o que perpassa por entre os olhares que fizeram essas reflexões? E onde, nessa atividade, ficaram a percepção, a catarse e a superação constituintes da reação estética?

## **Não podemos nos permitir desviar os olhos<sup>7</sup>**

O conto da Clarice Lispector, as professoras, as dramatizações, as discussões foram alvo de quatro outros olhares<sup>8</sup> que presenciaram a oficina que foi polissêmica, múltipla e multifacetada, tal como é a realidade. Analisa-se esse recorte da oficina, conto-dramatização-discussão e percebe-se que ali havia se cumprido o objetivo daquele encontro. Mesmo assim, busca-se entender o que havia por detrás daqueles olhares e o que acontecera com a reação estética. Cabe ressaltar que essa análise é apenas uma das infinitas possibilidades de olhar sobre o olhar das professoras envolvidas nesse processo.

Procurando compreender a constituição dos olhares mediados social e historicamente das professoras Violeta, Jasmim e Margarida, ampara-se em Vygotsky (1998), posto que o processo de constituição da atividade criadora no sujeito deve ser entendido tanto como um produto histórico-social, inserido no tempo e no espaço que acontece, considerando tanto as situações objetivas do contexto quanto uma relação específica desse sujeito com o mundo, já que, para criar, ele necessita dos conhecimentos adquiridos anteriormente para articulá-los na sua imaginação com uma postura capaz de transformar os sentimentos e as emoções, dando-lhes nova significação.

Portanto, a partir do desfecho dramatizado pelo grupo de Violeta (B) e de sua fala (momento 1), percebe-se que o que permeou o seu olhar sobre o conto, foi a idéia de um roubo justificável pelo fato do ladrão ser uma criança. Esta imagem de criança por muito tempo difundida, foi: "... a criança de Rousseau, refletindo a sua idéia da infância como período inocente da vida de uma pessoa – os anos dourados – e a crença de que a capacidade de auto-regulação e o inato da criança vão buscar a Virtude, a Verdade e a Beleza; é a sociedade que corrompe a bondade com a qual todas as crianças nascem." (Dahlberg, 2003)

Esse olhar que percebe a infância enquanto um momento da vida em que as crianças são inocentes e puros, não se aproxima do olhar infantil desejado no início do texto, mas sim de uma idéia ultrapassada de criança "naturalmente boa" difundida por Rousseau.

Jasmim, contudo, viu a ação da menina do conto como o seu primeiro ato criminoso (momento 2), com adrenalina, emoção e ameaça. Nesse caso, retomamos a frase dita por Saramago "Pessoas olhando em frente, vendo sombras, e acreditando que estão vendo a realidade".

Pode-se dizer que a professora viu na narrativa somente o furto, desperdiçando as múltiplas possibilidades de leitura que o conto trazia, reduzindo-o a uma única verdade, a sua própria verdade. Vygotsky (1990) refere-se ao signo emocional comum, que significa a tendência a unir tudo que provoca um efeito emocional coincível, no qual aspectos heterogêneos são vinculados num signo emocional aglutinante, pelo tom afetivo comum a esses elementos heterogêneos. O autor esclarece que as imagens agrupadas em torno de um signo emocional comum carecem de vínculos racionais entre si.

O olhar da professora está orientado por um signo emocional comum que a impede de perceber, em alguns momentos como esse, a multiplicidade e a polissêmica que compõe os palcos da vida, os pátios e as salas escolares.

Margarida, por sua vez, relata sua experiência traumatizante com "roubos" (momento 3). Ela confessa que no momento em que ouviu essa palavra se desconcentrou e mal prestou atenção no desfecho

---

<sup>7</sup> Sebastião Salgado In: Torales.

<sup>8</sup> Que fazem parte da equipe de trabalho.

do conto. Esse medo, essa insegurança e preocupação com a violência vêm demarcando o nosso período histórico, onde as pessoas sofrem de fobias, correm, desconfiam. Encontra-se a justificativa para o fato de aglutinar o signo emocional comum em torno do roubo, pois somos os causadores e os atingidos dessa sociedade injusta e desigual.

Ma, por mais que estejamos embebidos dessa realidade é preciso ver o horizonte, é preciso resgatar o olhar sensível, humanizado e crítico característico do olhar estético. "O nosso olhar não é ingênuo, ele está comprometido com nosso passado, com nossas experiências, com nossa época e lugar, com nossos referenciais. Não há o dado absoluto e não se pode ter uma única visão, uma só leitura, mas se deseja lançar múltiplos olhares sobre um mesmo objeto." (Pillar, 2003)

Assim, "... a profundidade da experiência humana (...) depende do fato de sermos capazes de variar nossos modos de ver, de podermos alterar as nossas visões da realidade. "Isso porque" o olhar artístico não é um olhar passivo que recebe e registra a impressão das coisas. É um olhar construtivo." (Cassirer in Pillar, 2003, p.17)

Essa superação de emoções, no qual nos fala Vygotsky, talvez seja um dos grandes desafios a vencer neste processo de formação continuada onde o transfigurar, o reinterpretar e o recriar o cotidiano docente são pressupostos e propostas contínuas baseadas na Educação Estética. A arte, por sua vez "transfigura a realidade não só nas construções da fantasia, mas também na elaboração do real dos objetos e situações" (Vygotsky, 2001, p.352).

Refletir e problematizar sobre o olhar dessas docentes foi um convite provocante no qual permitiu-se enfrentar algumas concepções enraizadas, características dos olhares acomodados, traumatizados e românticos de algumas professoras. No entanto, deparou-se com a alegria de poder propiciar esse espaço de ressignificação e reflexão sobre as suas práticas através do contato com elementos artísticos, processos de criação e reflexão, os quais suscitaram discussões profícuas e que de certa forma contribuíram para a superação de algumas percepções cristalizadas e para um exercício, conjunto, dos olhares estéticos.

---

## Referências

- COEIRO. A. *In: F. PESSOA Obra poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
- DAHLBERG. G. *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre, Artmed, 2003.
- GÓES. M.C.R. *A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade*. Cadernos Cedes, Campinas, ano XX, n. 50, abril, 2000.
- REIS. A.C, ZANELLA. A.V. FRANÇA. K.B, DA ROS. S.Z. *Mediação Pedagógica: Reflexões sobre o Olhar Estético em Contexto de Escolarização formal*. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, UFRGS, 2004.

- ILLAR. A.D. 2003. *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre, Mediação
- MOURA. A.C.O.S. 2004. *Sensibilização: diferentes olhares em busca de significados*. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal do Rio Grande
- TORALES. R. A. 2003. *Olhar sobre o olhar que olha: Educação Ambiental sob o viés das fotografias de Sebastião Salgado*. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal do Rio Grande
- VYGOTSKY. L.S. 2001. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo, Martins Fontes
- VYGOTSKY. L.S. 1990. *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid, Akal
- VYGOTSKY. L.S. 1998. *Psicologia da Arte*. São Paulo, Martins Fontes
- SAINT-EXUPÉRY.A. 1988. *O Pequeno Príncipe*. Agir, Rio de Janeiro
- LISPECTOR.C. *Cem anos de Perdão*.
- PEIXOTO.N.B. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES (org.), *O Olhar*. São Paulo, companhia das Letras, 1999.
- SACKS, O.; PASCOAL, H.; BACAR, E.; WENDERS, W. e SARAMAGO, J. Foi utilizado os trechos de depoimentos do Filme *Janela da Alma*, de Walter Carvalho.